

Universidade Federal de Pelotas
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

**OS MÓVEIS DAS CASAS SENHORIAIS CHARQUEADOADORAS.
PELOTAS. 1810-1884**

**EMILY INGRID NOBRE SILVA¹; NADYNE AVILA MADRUGA²; ESTER JUDITE
BENDJOYA GUTIERREZ³**

1 Autor e aluno da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFPEL, Pelotas/RS/BR,
emy.nobre@hotmail.com;

2 Autor e aluno da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFPEL, Pelotas/RS/BR,
madrugaradyne@gmail.com;

3 Autor e professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – UFPEL, Pelotas/RS/BR,
esterjbgutierrez@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Sítio Charqueador Pelotense, formado por mais de 40 fábricas, situavam-se as proximidades dos arroios que desaguavam na margem norte do canal São Gonçalo, ligação natural entre a lagoa Mirim e a dos Patos, no sul do continente americano. Os terrenos eram destinados às Casas Senhoriais e a matança do gado. Em média, havia 54 trabalhadores escravos por estabelecimento. Os charqueadores eram donos de vários tipos de bens: joias em ouro e prata, iate, ações de companhias, dívidas ativas e passivas, escravos, além, do principal, a salga e estâncias com criação e agricultura; propriedades urbanas – comumente a morada das famílias- armazéns para renda, casas e móveis. O foco da pesquisa tornou-se os móveis das moradas.

METODOLOGIA

A análise de 33 inventários post-morte foi a principal fonte para elaborar, compreender e analisar a história da mobília das casas senhoriais charqueadoras da cidade de Pelotas. Para isso foram examinados e contabilizados 2008 itens formados apenas pelo conjunto de móveis de cada charqueador, entre os anos de 1810 e 1884.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A observação dos dados permitiu verificar que os móveis variavam de 0,25% a 5% da fortuna total dos charqueadores. Em média, os móveis representaram 0,92% dos bens totais.

Os inventários mostraram que os móveis de madeira eram principalmente de jacarandá, mogno, pinho, guabiroba, guajubira e vinhático. Nas casas mais simples, podiam ser de pau, isto é, em madeira branca corriqueira. Também receberam a denominação de ordinários, sinônimo de comuns, móveis feitos em madeira de lei, mas com ornamentações e formas mais simples. Alguns móveis de influência francesa foram pintados e dourados ou, então, elaborados com madeiras claras.

As cadeiras, mesas e baús eram as referências mais recorrentes. Foi possível identificar que em uma só morada as cadeiras chegaram a somar a quantia de sessenta e quatro, sem contar marquesas de assento que também estavam sempre presentes, havia uma grande diversidade entre elas, podia ser de pau, de palinha, de sola, vime, ferro, balanço, braço, preguiçosa, americana, forrada com fazenda, acolchoada até mesmo pequena para crianças. As mesas serviam para jantar, salas, cabeceiras, cozinhas, engomar, papéis, escritório ou prensa. Eram quadradas e redondas; pequenas e grandes; com gavetas, abas, tampo madeira, pedra ou vidro. Por vezes, somavam mais de dez em uma única morada. Os baús eram utilizados para diversos fins: guardar louças, “coisas” pás e prendas, eram pequenos ou grandes, cobertos de couros ou sola ou, inclusive, de madrepérola.

As camas, nem sempre citadas em todos os inventários diversificavam em grandes, pequenas, para solteiro, casais e crianças e ora berço. Algumas tinham trabalhos de marchetaria, embutidos, cortinas de chita, cabeceira de damasco e dourado. Outras eram de lona, simples catres; muitas, mencionadas, como francesas.

Na segunda metade do século XIX, houve o aparecimento de mobílias nas charqueada-conjuntos de móveis com decoração harmônica- e móveis mais especializados.

CONCLUSÕES

Os móveis mais frequentes foram as cadeiras, mesas e baús. As cadeiras eram de diferentes materiais e modelos, sendo que em 1824 aparecem as primeiras anotações mencionando cadeiras de ferro.

Nem sempre foram citadas as camas. Nestes casos, as marquesas eram suficientes para abrigar o descanso da família senhorial. Muitas das camas e marquesas vinham acompanhadas da palavra “francesa”. Até 1854, um grande número de baús foi referido, sendo abandonados mais tarde.

Constatou-se que os móveis não representavam quantidade significativa na fortuna dos charqueadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FLEXOR, Maria Helena Ochi. Mobiliário baiano. Brasília: IPHAN/Programa Monumenta, 2009. Disponível em:
<https://www.passeidireto.com/arquivo/2071175/mobiliario-baiano_monumenta-iphan>. Acesso 12 maio 2015.

GUTIERREZ, Ester J. B. Negros, charqueadas e olarias: Um estudo sobre o espaço pelotense. 3 ed. Pelotas: Ed. UFPel, 2011.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. Processos de Inventário.

Joana Maria Bernardina, Pelotas, nº 16, M.1, E.25 Cartório de Órfãos e Provedoria, 1810.

Domingos Rodrigues, Pelotas, nº 32, M.2, E.25 Cartório de Órfãos e Provedoria, 1818.

José Gonçalves da Silveira Calheca, Pelotas, nº 56, M.5, E.25 Cartório de Órfãos e Provedoria, 1820.

João Nunes Baptista, Pelotas, nº 75, M.6, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1823.

Célia Rodrigues da Silva, Pelotas, nº 83, M.7, E.25 Cartório de Órfãos e Provedoria, 1824.

José Pinto Martins, Pelotas, nº 114, M.10, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1827.

José da Costa Santos, Pelotas, nº 113, M.9, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1827.

Francisca Alexandrina de Castro, Pelotas, nº 293, M.21, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1848.

Joaquina Maria Silva, Pelotas, nº 304, M.21, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1849.

Virgínia Souzada de Campos, Pelotas, nº335 (?), M.23, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1851.

Visconde de Jaguary, Pelotas, nº 348, M.24, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1852.

João Guerino Vinhas, Pelotas, nº 383, M.26, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1854.

José Vieira Viana, Pelotas, nº 382, M.26, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1854.

Albana dos Santos Barcellos, Pelotas, nº 106, M.28, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1856.

Boaventura Rodrigues Barcelos, Pelotas, nº 409, M.28, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1856.

Bernardino Rodrigues Barcelos, Pelotas, nº 430, M.29, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1857.

Matilde da Silva Vinhas, Pelotas, nº 567, M.36, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1862.

Manoel Batista Teixeira, Pelotas, nº 579, M.37, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1864.

José Ignácio da Cunha, Pelotas, nº 60, M.38, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1865.

Maria Antonio Coelho da Cunha, Pelotas, nº 603, M.39, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1865.

Joaquim Guilherme da Costa, Pelotas, nº 599, M.38, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1865.

João Vinhas e Maria Carolina Gomes Vinhas, Pelotas, nº 642 (?), M.41, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1867.

Leonídia Gonçalves Moreira (Baronesa de Butui), Pelotas, nº 647, M.41, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1867

Barão de Botuhy, Pelotas, nº 647, M.41, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1867.

Silvana Claudina, Pelotas, nº 727, M.44, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1870.

Cipriano Joaquim Rodrigues Barcellos, Pelotas, nº2, M.1, E.28, 2º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1870.

Antônio José Gonçalves Chaves, Pelotas, nº 1791, M.45, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1872.

Annibal Antunes Maciel, Pelotas, nº 815, M.48, E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1875.

Silvana Belchior da Cunha, Pelotas, nº 870, M.50, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1877.

Antonio José da Silva Maia, Pelotas, nº 995, M.57, E.25, Cartório de Órfãos e Provedoria, 1884.

Jacinto Antônio Lopes, Pelotas, nº 1028 ou 1082, M.58 ou 61(?), E.25, 1º Cartório de Órfãos e Provedoria, 1885.